



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

BIOÉTICA E TEOLOGIA E SUAS INTERCONEXÕES COM AS QUESTÕES SOCIAIS¹

Bioethics and Theology and their interconnections with social issues

Clélia Peretti²
Waldir Souza³

Resumo: O presente artigo reflete sobre as interconexões da bioética e da teologia com as questões sociais. Parte do pressuposto de que a teologia é uma ciência e utiliza mediações científicas para uma leitura contextualizada da realidade histórica, antropológica e cosmológica. A interconexão da teologia com a bioética é evidenciada na discussão sobre a bioética. O texto enfatiza a contribuição da Teologia da Libertação e das teologias contextuais com o estudo das questões sociais. A base ética em nossos dias deve ser procurada na relação com o outro, sobretudo na reverência ao outro transcendente. Diante de um secularismo radical que se restringe dentro dos limites de uma racionalidade puramente científica, o teólogo ou a teóloga tem um papel importante em compreender as apostas fundamentais, sendo, na perspectiva da teologia pública, o facilitador ou a facilitadora do debate bioético.

Palavras-chave: Bioética. Teologia pública. Ética da transcendência. Questões sociais.

Abstract: This paper approaches the interconnections of Bioethics and Theology with social issues. It presupposes that Theology is a science and uses scientific mediations for a contextualized reading of the historical, anthropological and cosmological realities. The interconnection from Theology with Bioethics is shown in the discussion about Bioethics. The text emphasizes the contribution of Liberation Theology and of contextual theologies to the study of social issues. The basis ethics today must be sought in the relation with the other, especially on the reverence of the transcendental Other. Before a radical secularism that reduces itself inside the limits of a purely scientific

¹ O artigo foi recebido em 28 de fevereiro de 2012 e aprovado em 14 de abril de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia – EST, São Leopoldo/RS, Brasil. Professora do PPGT e do Bacharelado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), de Curitiba/PR, Brasil. Contato: clelia.peretti@pucpr.br

³ Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor do PPGT em Teologia da PUC-PR, Curitiba/PR, Brasil, de tópicos de teologia e bioética e questões fundamentais de teologia. Professor de Antropologia Teológica, Bioética e Teologia Moral no Bacharelado em Teologia da PUC-PR e membro do Comitê de Ética e Pesquisa no Uso de Animais da PUC-PR. Contato: waldir.souza@pucpr.br

■ rationality, the theologian has an important role understanding the fundamental bets, being himself/herself, in the perspective of public Theology, the mediator of the bioethical debate.

■ **Keywords:** Bioethics. Public Theology. Transcendental Ethics. Social issues.

Introdução

Nos últimos cinquenta anos, a teologia pôde dar uma contribuição valiosa ao tratamento de problemas em nossa sociedade. Após a realização do Concílio Vaticano II, oficializou-se uma *theologia mundi* que, além de recepcionar o processo de renovação teológica do século XX, estimulou o diálogo com o mundo contemporâneo, com a filosofia social, com as ciências sociais e com outras que atingem as questões sociais. A partir dessa teologia, tem-se a apropriação das ciências sociais e humanas, como mediação científica nas produções teológicas cristãs católicas, mas também nas protestantes. Tratava-se de ver na teologia uma ciência que explicitasse uma melhor compreensão da realidade histórica, antropológica e até mesmo cósmica. Nesse contexto, a teologia assumiu um papel relevante, pertinente e imprescindível para o surgimento das teologias contextuais, teologia da libertação latino-americana, teologias africanas e teologias asiáticas, das teologias das culturas – negra e indígena –, das teologias produzidas em gênero – teologia na ótica da mulher e teologia feminista – e da teologia das religiões, que explicaram ainda melhor a necessidade das mediações científicas na produção teológica. Dessa forma, a teologia acrescenta ao seu caráter especulativo uma leitura da realidade contextualizada apontando para a complexidade e a interdependência da vida no mundo. Essa prioridade inclui prioritariamente a preservação e a proteção da vida humana dos seus direitos, da sua dignidade, da relação e inter-relação entre as diferentes formas de vida e da pessoa humana com suas variadas formas de convivência e de cuidados.

A bioética vem como um desdobramento, voltado diretamente à defesa da vida e sua dignidade frente aos avanços técnicos e científicos ligados ao mundo da saúde e se torna um dos campos que tem contribuído para consolidar a consciência de que se necessita de uma “ética da vida”, ou seja, de uma “bio-ética”, capaz de resgatar a ética “enquanto referência à capacidade humana de ordenar as relações a favor de uma vida digna”⁴, e no respeito de todas as formas de vida sobre a face da Terra. Os problemas da bioética são incorporados na vida das pessoas e mundos sociais. É importante salientar que foi a Igreja Católica, pela reflexão da Teologia da Libertação, que mostrou à bioética a necessidade de se preocupar com os problemas sociais e de contribuir com sua reflexão bioética no respeito aos valores éticos fundamentais.⁵ A opção preferencial pelos pobres mostrou à bioética que para defender a vida é preciso,

⁴ MORAES, Regis de. Ética e vida social contemporânea. In: *Tempo e Presença*, n. 263, maio/jun. de 1992, p. 5.

⁵ CNBB – XXXI Assembleia Geral. Ética: Pessoa e Sociedade. In: *SEDOC* 26, n. 1-37, p. 41-74, 1993.

antes de tudo, devolver a vida àqueles excluídos dela. Portanto, o objetivo primeiro deste artigo é mostrar a necessidade de se pensar no âmbito da reflexão teológica uma bioética voltada para as questões sociais, em suas mutações constantes e em sua realidade multifacetária.⁶ As reflexões aqui expostas são resultados de estudos que vêm se desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em projetos de pesquisa, tais como *Bioética na perspectiva da Pastoral da Saúde; Teologia moral e Biotecnociência. Estudo dos seus impasses e alternativas* e *Teologia, HIV/AIDS e Gênero*, que objetivam associar questões sociais emergentes na sociedade à discussão bioética, apontando para uma discussão antropológica da dimensão corpórea do ser humano e para a espiritualidade, uma das dimensões esquecidas na contemporaneidade.

Bioética e sua interação com a teologia

A bioética está se transformando, hoje, num campo indispensável de reflexão e de ação, com “uma finalidade ética própria que é a de salvaguardar o bem e promover a melhoria da realidade global humano-sócio-ecológica”⁷. Sendo assim, “a constituição de uma ética visa à definição autorizada de delimitações protetoras do consenso, bem como à promoção de valores, de normas e de significantes geradores de mobilização e de adesão”⁸. Ao mesmo tempo, busca proteger o ser humano e a sociedade das malhas do arbítrio; salvá-los da absolutização do que é apenas “relativo”, a inflação do autoritarismo, das visões míopes, dos discursos esclerosados, da domesticação do “outro” e da cegueira ideológica.⁹

No âmbito da reflexão teológica católica, a ética vem acrescida da iluminação da fé na experiência cristã e suas contribuições nascem da revelação cristã que, explicitadas pelo Magistério da igreja, orientam o comportamento humano e se constituem em aportes para a bioética.

O desenvolvimento das ciências biomédicas e as descobertas da biogenética, com suas inovações, tecnologias e novas formas de intervir nos processos da vida, pré-natais, reanimações várias, eutanásia, clonagem reprodutiva, fecundação *in vitro*, testes genéticos, pesquisa em embriões, xenotransplantes, cultivo de células-tronco, banco de células etc., levam aos seguintes questionamentos: Como promover a humanidade sem extrapolações? Quais são as delimitações a favor da vida?¹⁰

Sabe-se que os dilemas éticos sempre estiveram presentes nas ações humanas, adquirindo menor ou maior relevância dependendo do contexto temporal do qual

⁶ AGOSTINI, Nilo. Bioética: delimitações protetoras da vida. In: *Communio*. Revista Internacional Católica, Rio de Janeiro, v. 18, n. 87, p. 137, 2003a.

⁷ RUBIO, Miguel. ¿Que és moralmente factible? Possibilidades y limites de la “tecnociencia”. In: *Moralia*, (M) XXIV, n. 4, p. 399-424, 2001. p. 399.

⁸ QUELQUEJEU, Bernard. Éthos historiques et normes éthiques. In: LAURET, Bernard et REFOULÉ, François (dir.). *Initiation à La pratique de la théologie*. Paris: Cerf, 1983. Tomo IV: Éthique, p. 79.

⁹ AGOSTINI, 2003a, p. 138.

¹⁰ AGOSTINI, 2003a, p. 138.

emergem as ideias que norteiam a sociedade em uma ou outra época. A bioética surge a partir da década de 1970 com o objetivo de estudar o impacto das inovações tecnológicas na vida das pessoas e os limites para o seu uso.¹¹ Nesse contexto, a discussão sobre a contribuição da teologia para o debate atual da bioética readquiriu importância e engloba aspectos relacionados ao viver, bem como ao pluralismo, à interdisciplinaridade, à autonomia, à abertura e à incorporação de novos conhecimentos e de uma reflexão crítica sobre os valores.¹²

Nesse contexto, vários autores defendem a importância das religiões para o debate ético e para a superação da crise ética da cultura atual pós-moderna. Essa cultura não tem condições de enfrentar as ameaças das manipulações genéticas. Questiona-se a secularização dominante que se instalou na modernidade.¹³ Problemas persistentes constatados no cotidiano dos países periféricos, como a exclusão social e a concentração de poder, a globalização econômica internacional e a evasão dramática de divisas das nações mais pobres para os países centrais, a inacessibilidade dos grupos economicamente vulneráveis às conquistas do desenvolvimento científico e tecnológico e a desigualdade de acesso das pessoas pobres aos bens de consumo básicos indispensáveis à sobrevivência humana com dignidade, entre outros aspectos. Essas questões passaram a fazer parte obrigatória da pauta dos pesquisadores que desejavam trabalhar com uma bioética transformadora, comprometida e identificada com a realidade dos chamados países “em desenvolvimento”¹⁴. Estudiosos da bioética afirmavam que a secularização era irreversível e estavam cientes de que nenhuma sociedade poderia sobreviver sem religião.¹⁵

Por uma ética de transcendência

Não há nenhuma dúvida de que as ciências trazem uma valiosa contribuição para a compreensão de quem a humanidade é e do que ela pode e pretende ser e fazer. Por outro lado, nenhuma ciência sozinha se torna companheira confiável, pois as ciências são passíveis de ser controladas por forças e movimentos sociais que podem ser destrutivos. É fundamental considerar que a ética é uma dimensão fundamental do ser humano e o conceito de ética está diretamente ligado ao conhecimento, aos valores e às práticas sociais. E são as práticas sociais que constroem formas de agir e de pensar. Por sua vez, o cuidado supõe uma relação de proximidade e de abertura para a

¹¹ CLOTET, Joaquim. *Bioética: uma visão panorâmica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

¹² HOSSNE, William Saad. Bioética? In: *Projeto Genoma: a ciência de ponta no Brasil*. Disponível em: <<http://www.consciencia.br/reportagens/genoma/genoma9.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2011.

¹³ JUNGES, José Roque. As Interfaces da Teologia com a Bioética. In: *Perspectiva Teológica*, Ano 37, n. 101, jan./abr. 2005. p. 105.

¹⁴ GARRAFA, Volnei; PORTO, Dora. Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção. In: GARRAFA, Volnei; PESSINI, Leocir. *Bioética: Poder e Injustiça*. São Paulo: Loyola; Centro Universitário São Camilo; Sociedade Brasileira de Bioética, 2003. p. 35.

¹⁵ ROUANET, Sérgio Paulo. A volta de Deus. In: *Folha de São Paulo*, 19.05.2002, Caderno Mais! Disponível em: <<http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/avoltadeDEUSLERR.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

dinâmica da alteridade, ou seja, para a totalidade do ser humano e com sua dimensão espiritual. Esse cuidado, como disse Leonardo Boff¹⁶, se concretiza em diferentes instâncias, tais como no cuidado com o nosso planeta, com os outros, com nosso corpo, e vai além de uma concepção meramente positivista.

A ética da transcendência fundamenta-se na responsabilidade de sair de si e ir ao encontro do outro, reconhecendo-o na concretude de sua alteridade.¹⁷ Assim, a afirmação do transcendente de maneira alguma impõe determinado ponto de vista confessional religioso. Tampouco respeitar a diversidade religiosa significa deixar de aprofundar a releitura da própria tradição à qual se pertence. Ao se refletir sobre o sentido da vida humana, há de se considerar que é ético tudo aquilo que está em sintonia com o sentido da existência, e o sentido da existência exige um contínuo processo de transcendência. Em outras palavras, afirmar que a vida tem sentido é afirmar, intrinsecamente, um sentido transcendente a ela. Claramente essas afirmações requerem certo relativismo ético, quando se deseja abordar a ética num contexto pluralista.¹⁸ Por isso, ao se falar de bioética, quer-se partir do reconhecimento do pluralismo como valor e transformar a defesa da diversidade em um dos pontos norteadores. Qualquer proposta ética, se quiser acrescentar algo ao debate em busca de uma ética global¹⁹, deverá considerar esses dois pontos. No contexto de uma comunidade científica, faz-se necessário buscar uma ética que respeite a diversidade. E buscar um ponto de partida pluralista não significa afirmar uma ética mínima. É preciso buscar o consenso comum de que a ética brota da fidelidade àquilo que se estabelece como o sentido da vida humana.

Desta maneira, a falta de ética é a prática dos atos que contradizem esse sentido último da existência, pressionados por questões circunstanciais e temporárias da vida.²⁰ Poder-se-ia falar de ética circunstancial? A ética no sentido da vida será sempre uma ética circunstancial, porque será capaz de analisar a facticidade da vida humana e sua incidência sobre a formação do sentido da vida. Não será uma ética de circunstâncias ou fraca, capaz de ceder aos acordos e pressões cotidianos, para uma satisfação hedônica casual, que viole o sentido da existência.²¹ A ação ética poderá ser diversa, mas nunca contraditória ou incoerente.²² A ação humana precisa ter sentido, não apenas para o indivíduo, grupo ou instituição que a realiza, mas também para os envolvidos ou atingidos por ela. Afirmer o próprio sentido da vida é reconhecer que ele se dá num contexto de vida significativa para todos.²³ A ação ética precisa se tornar

¹⁶ BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: A Ética do Humano*. Compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

¹⁷ FORTE, Bruno. *Um pelo outro: por uma ética da transcendência*. São Paulo: Paulinas, 2006.

¹⁸ SANCHES, Mário Antonio. *Bioética: Ciência e transcendência*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 45.

¹⁹ LEPARGNEUR, Hubert. A dignidade humana, fundamento da bioética e seu impacto para a eutanásia. In: PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Fundamentos da bioética*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 177.

²⁰ JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006. p. 51-56.

²¹ JONAS, 2006, p. 63-66.

²² SANCHES, 2004, p. 46.

²³ JONAS, 2006, p. 69-88.

uma ação que contemple algo mais do que o próprio indivíduo, pois o que está em jogo é ele mesmo e seu mundo, como afirma Oliveira:

O homem como ser da práxis, é ser da configuração do seu próprio ser e também configuração do seu mundo. Na decisão do homem, estão em jogo ele mesmo e seu mundo, a efetivação de si mesmo e do mundo; tanto ele como o mundo apresentam-se como tarefas a se realizar. A especificidade do ser que é práxis se revela exatamente aqui: ele é responsável por si mesmo e por seu mundo²⁴.

Daí então a necessidade do amor, da superação da ética individualista, de participação nas iniciativas comunitárias. É nessa exigência de ir além do indivíduo que está incluída a própria definição de moral e ética. Segundo Vázquez, a ética “é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade”²⁵, enquanto a moral se constitui como

um sistema de normas, princípios e valores segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima e não de maneira mecânica, externa e impessoal²⁶.

Seria inútil e, na verdade, perigoso tentar definir a ética como uma ciência com pretensão à universalidade, à imparcialidade e à objetividade puras. É válido, sim, e urgente renovar o esforço de busca de um consenso ético cada vez mais amplo, sob bases cada vez mais aceitáveis, sem que tais bases precisem ser vistas como absolutas e perenes. Um programa ético se fundamenta num princípio antropológico, no qual os humanos atribuem às suas vidas um sentido. Para Sanches, o sentido para a vida indica e exige o reconhecimento de uma transcendência, que, por sua vez, se torne o programa ético da vida humana. “O sentido da vida exige abertura e diálogo com realidades externas e objetivas. A primeira transcendência necessária é a transcendência do próprio eu.”²⁷ Nesse âmbito, a cultura desempenha um papel importante na construção do sentido da vida das pessoas, mas várias dimensões da realidade humana só serão plenamente contempladas na perspectiva de transcendência das culturas locais.

Na avaliação das questões suscitadas pelo avanço das biotecnociências e nas pesquisas em bioética, é extremamente necessária essa exigência ética, pois, como a ciência transcende as culturas particulares, muitos dos desafios que ela traz à ética necessitam ser abordados numa perspectiva que transcenda as culturas locais.²⁸ Quando se aceita que o transcendente e o absoluto são vislumbrados, autêntica e validamente, de diferentes perspectivas, então a diversidade religiosa, cultural e genética passa a ser definida como fonte de enriquecimento e promoção da humanidade. De acordo

²⁴ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e práxis histórica*. São Paulo: Ática, 1995. p. 63.

²⁵ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 12.

²⁶ VÁZQUEZ, 1995, p. 69.

²⁷ SANCHES, 2004, p. 49-50.

²⁸ SANCHES, 2004, p. 50.

com Sanches, “a riqueza se dará exatamente no encontro e na partilha dos *insights* religiosos e culturais”²⁹.

Vulnerabilidade como elemento de referência da bioética

Em sentido comum e de acordo com o dicionário Aurélio, vulnerabilidade é “a qualidade ou estado de vulnerável”; vulnerável é “que pode ser vulnerado”, e vulnerar é “ferir, ofender, melindrar”.³⁰ Os seres vivos estão sujeitos à vulnerabilidade, ou seja, a serem feridos, ofendidos e melindrados, intencionalmente ou não, por agentes de qualquer natureza: por pessoas, animais, intempéries da natureza e até mesmo por acidentes. O ser humano e os demais animais têm em comum um tipo de defesa frente à vulnerabilidade – é a defesa instintiva, decorrente do instinto da sobrevivência. Mas o ser humano, além do instinto da sobrevivência, pode ter noção, ciência e consciência de que ele é vulnerável. Portanto o ser humano é sempre vulnerável; ele pode ou não estar em situação de vulnerabilidade, situação essa que envolve a bioética.

Explica-se, assim, o elevado número, bem como a grande diversidade de definições referentes à vulnerabilidade. Vejamos a seguir algumas dessas contribuições. Para Hammes³¹, “o conceito de fragilidade, mais conhecido como vulnerabilidade, aparece na bioética associado à experiência de passagem e finitude, a ponto de se afirmar que a essência da humanidade é a vulnerabilidade”. Ferrer e Álvarez³² enfatizam “que um dos fatores que contribuíram para o seu nascimento foi precisamente a necessidade de proteger as vulnerabilidades dos sujeitos humanos na pesquisa científica e dos pacientes nos contextos clínicos”. Para Macklin³³, a vulnerabilidade é uma preocupação em bioética porque “os grupos vulneráveis estão sujeitos à exploração e esta é moralmente errada”. Zuben³⁴ elucida o conceito de vulnerabilidade sob o entendimento da bioética: “Pela vulnerabilidade pode-se entender, o montante, na origem da Bioética, as reações diante de denúncias de abusos contra a dignidade da pessoa humana [...]”. De acordo com Kemp³⁵, os princípios de vulnerabilidade, autonomia, integridade e dignidade são interdependentes e se complementam auxiliando na prática da bioética. Neves³⁶ apresenta o conceito de vulnerabilidade como significação ética:

²⁹ SANCHES, 2004, p. 51.

³⁰ FERREIRA A. B. Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

³¹ HAMMES, Érico. Ética, ciência e tecnologia: ensaio em perspectiva teológica. In: SOUZA, Ricardo Timm et al. (Org.). *Ciência e ética: os grandes desafios*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 71.

³² FERRER, Jorge José; ÁLVAREZ, Juan Carlos. *Para fundamentar a bioética: Teorias e paradigmas teóricos na bioética contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 45.

³³ MACKLIN, Ruth. Bioethics, Vulnerability, and Protection. *Bioethics*, Brasília, v. 17, n. 5-6, p. 472-486, out. 2003. p. 473.

³⁴ ZUBEN, Newton Aquiles Von. Vulnerabilidade e Decisão: tensão no pacto médico. In: BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de; ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone (Orgs.). *Bioética Vulnerabilidade e Saúde*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2007. p. 62.

³⁵ KEMP, Peter. *Le discours bioéthique*. Paris: Cerf, 2004. p. 33.

³⁶ NEVES, Maria do Céu Patrão. Sentidos da Vulnerabilidade: característica, condição e princípio. In: BARCHIFONTAINE; ZOBOLI, 2007, p. 30.

[...] foi o Belmont Report: ethical principles and guidelines for the protection of human subjects of research. Este documento, finalizado em 1978, corresponde ao trabalho desenvolvido durante quatro anos pela National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research, estabelecida pelo Congresso Norte-Americano para formular os princípios éticos básicos a respeitar em toda a investigação envolvendo seres humanos. A noção de vulnerabilidade é introduzida no Relatório Belmont para classificar, de forma particular (apenas alguns são ditos vulneráveis) e em termos relativos (comparativamente aos ditos não vulneráveis), tanto pessoas singulares, na secção acerca da voluntariedade, como populações, na secção dedicada à avaliação sistemática de risco e benefícios, que se encontrem numa situação de exposição agravada a serem feridas, isto é, no âmbito da investigação biomédica, e, mais especificamente, no da experimentação humana.

Em relação à vulnerabilidade enunciada na Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, faz-se interessante transcrever o artigo 8, que fala sobre o respeito pela vulnerabilidade humana e pela integridade individual:

A vulnerabilidade humana deve ser levada em consideração na aplicação e no avanço do conhecimento científico, das práticas médicas e de tecnologias associadas. Indivíduos e grupos de vulnerabilidade específica devem ser protegidos e a integridade individual de cada um deve ser respeitada.³⁷

A noção de vulnerabilidade é utilizada também por Kemp³⁸ quando afirma que os princípios de vulnerabilidade, autonomia, integridade e dignidade são interdependentes e se complementam auxiliando na prática da bioética. Kottow³⁹ faz importante consideração em relação à preocupação da bioética com a vulnerabilidade do ser humano: “A bioética tem particular preocupação com essa vulnerabilidade secundária e circunstancial por causa dos riscos que correm as pessoas vulneráveis de ser prejudicadas pela exploração advindas das ações biomédicas”. Nas pesquisas realizadas relacionadas à bioética e vulnerabilidade surgiu a seguinte questão: O que esperar da bioética em relação às pessoas vulneráveis? A resposta para esse questionamento encontra-se nos estudos de Kottow:

[...] deve-se poder esperar que a reflexão bioética detecte e condene tudo o que maltrate pessoas vulneráveis ou predispostas. A predisposição dos destituídos a sofrer danos ou ser vítimas de ações malévolas é uma preocupação direta e essencial da bioética, o que nos leva a discutir a exploração⁴⁰. A bioética tem particular preocupação com essa vulnerabilidade secundária e circunstancial por causa dos riscos que correm as pessoas vulneráveis de ser prejudicadas pela exploração advinda de ações biomédicas⁴¹.

³⁷ NEVES, 2007, p. 30.

³⁸ KEMP, 2004, p. 36.

³⁹ KOTTOW, Michael. Comentários sobre Bioética, vulnerabilidade e proteção. In: GARRAFA; PESSINI, 2004, p. 71.

⁴⁰ KOTTOW, 2004, p. 73.

⁴¹ KOTTOW, 2004, p. 71.

Observa-se que a ênfase dada à problemática da vulnerabilidade pelos autores citados não está apenas na área da saúde. Se considerarmos que a vulnerabilidade está sempre presente e acompanha o ser humano, não há como deixar de reconhecer que ela deve ser levada em conta não apenas em todo o âmbito de atuação da bioética. O conceito de vulnerabilidade deve ser necessariamente um referencial em toda e qualquer avaliação bioética, seja no campo das ciências da saúde (não apenas na área da pesquisa), das ciências da vida e do meio ambiente.

As interconexões da teologia com a bioética: uma ética da alteridade

Numa sociedade plural, aberta, multicultural e multirreligiosa, a teologia depara-se com o desafio de ser compreensível, plausível, acessível aos recursos habituais genéricos dos seus interlocutores e de mostrar qual é a sua contribuição específica no enriquecimento do debate. Vimos que nas suas origens a bioética esteve ligada à tradição cristã, devido à tradição de intervenções em ética médica. Posteriormente houve um movimento de independência dos bioeticistas em relação aos teólogos, acentuando a secularização e o pluralismo da reflexão bioética. Isso obrigou os teólogos, que não deixaram os comitês e os fóruns, a explicitar sua contribuição específica nas relações entre bioética e teologia.

De acordo com Nicolescu, para se construir uma bioética hermenêutica e crítica além do procedimento da inter e multidisciplinaridade faz-se necessária uma visão de transdisciplinaridade. Trata-se de uma visão que passa através das disciplinas e vai além, colocando questões e levantando perguntas que transcendem a cultura e a ciência.⁴² Dessa forma, não apenas a teologia, mas também o(a) teólogo(a) assume um lugar no espaço público da academia e da sociedade. Diante do pluralismo de posições e argumentações nas questões éticas da sociedade atual, o(a) teólogo(a) tem um papel importante em compreender as apostas fundamentais que estão em jogo através de uma reflexão séria e/ou buscar o consenso pragmático pela ação. Na perspectiva da teologia pública, o(a) teólogo(a) tem a tarefa de ser o facilitador do debate bioético.

A teologia contribuiu com a bioética na especificidade da reflexão ética, na concepção de ser humano subjacente às intervenções biotecnológicas (antropologia), no modo do ser humano relacionar-se com a natureza (ecologia).⁴³ A bioética, em geral, usa, nos debates, o método do “procedimentalismo” ético, que acentua o respeito a certos procedimentos necessários para chegar a uma decisão válida. O pluralismo de concepções morais impede, segundo essa visão, recorrer a conteúdos de moralidade, reduzindo a ética ao formalismo dos procedimentos, que, por sua vez, impede de captar a complexidade dos dilemas morais pela falta de uma ética sistêmica. Pensar sistemicamente uma questão significa pensá-la a partir do conjunto de elementos em interação mútua que configura a realidade na qual emerge o desafio ético.⁴⁴ Optar por

⁴² NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999.

⁴³ JUNGES, 2005, p. 111.

⁴⁴ JUNGES, 2005, p. 112.

uma visão ética sistêmica não significa ter soluções prontas e definidas num receituário antropológico, mas interconectar e confrontar diferentes saberes que permitam ao ser humano encontrar o caminho de humanização que leve em consideração tanto a sua singularidade histórica, biológica e espiritual, como sua inserção particular numa família, grupo, etnia, país, religião, e sua pertença universal à humanidade fundada em direitos e deveres para com o conjunto dos seres humanos.⁴⁵

Segundo Thiel, a ética sistêmica não se identifica com a totalidade de um saber acabado. Isso seria cair num pensamento unitário e totalitário que nega o próprio procedimento ético. Na realidade, trata-se de saber articular os grandes princípios e valores com a complexidade da situação concreta inédita. Não há dúvidas de que isso exige um constante trabalho de interpretação do agir moral situado, das exigências éticas e dos contextos culturais.⁴⁶ Quando se defende que o sentido para a ação ética transcende o indivíduo, sua cultura e sua religião, afirma-se que a ética, para ser autêntica, é uma ação que contempla a realidade do outro e de outras vidas⁴⁷, por isso poderia ser dito que se está defendendo uma ética da alteridade.⁴⁸ Pode-se encontrar o outro em diferentes formas, em outras culturas, outro gênero, outras religiões, mas, não há dúvidas, que é na dimensão social que o outro apresenta sua face mais desafiante.⁴⁹ Entende-se aqui que essa é a chamada “questão social”, que precisa ser amplamente abordada se o objetivo é falar de uma ética que não exclua a maioria das pessoas que habitam este planeta.⁵⁰

Considerações finais

A reflexão conduzida até aqui leva-nos, a modo de conclusão, a apontar para o que se “deve” fazer, na direção de valores objetivos, universais e perenes. E isso só é possível se o “objeto da ética for não só os valores do homem, mas o valor que é o homem como tal”⁵¹. É de fundamental importância considerar que a ética cristã não se atém a uma reflexão apenas racional ou filosófica, mas abre-se à sabedoria revelada por Deus, presente na Sagrada Escritura, sedimentada na tradição, verbalizada na palavra autorizada do Magistério e proposta nos valores das normas morais.⁵² A abordagem bioética requer que se considere “uma visão do homem-pessoa na glo-

⁴⁵ THIEL, M. J. Le défi d'une éthique systémique pour la Théologie. In: *Revue des Sciences Religieuses*, 74, p. 92-113, 2000.

⁴⁶ THIEL, 2000, p. 108.

⁴⁷ JONAS, 2006, p. 229-233.

⁴⁸ CORREIA, Francisco. A alteridade como critério fundamental e englobante da bioética. In: PESSINI; BARCHIFONTAINE, 1996, p. 72.

⁴⁹ ALTMANN, Walter; BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto. Perspectivas da teologia da libertação: impasses e novos rumos num contexto de globalização. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, n. 2, p. 129-138, 1997. p. 135.

⁵⁰ SANCHES, 2004, p. 52.

⁵¹ TETTAMANZI, Dionigi. *Bioética*. Nuove frontiere per l'uomo. IIª edizione riveduta e ampliata. Casale Monferrato: PIEMME, 1990. p. 31.

⁵² AGOSTINI, 2003a, p. 147.

balidade e unidade de componentes, aspectos, dimensões, valores, exigências: é esta antropologia o fundamento, a medida, o critério, a força para a solução que é proposta acerca dos mais diversos problemas de bioética⁵³. E, nesta visão integral, a ética “não é um elemento marginal e extrinsecamente justaposto à pessoa humana, [...] é um elemento essencial e estrutural de seu mesmo ser, enquanto a pessoa se define como ser ‘significativo’ e ‘responsável’ de si mesmo [...]”⁵⁴. A ética cristã funda-se, assim, no valor incomparável da vida humana, o que torna o ser humano “o primeiro e fundamental caminho da Igreja”⁵⁵. A vida humana tem, portanto, um valor *incomparável*, sendo *inviolável*; por isso ela é *inalienável*⁵⁶. A vida humana é muito mais do que um simples “material biológico”⁵⁷, muito mais do que um código genético ou um simples programa sequencial de um genoma⁵⁸ a ser manipulado por engenheiros genéticos.⁵⁹

A vida encerra em si mesma uma sacralidade, enquanto dotada intrinsecamente de uma dignidade toda própria. Afirmar isso significa reconhecer um valor ontológico⁶⁰, sendo cada pessoa portadora dessa dignidade a ser reconhecida em si, pois se justifica em si mesma.⁶¹ Teologicamente, essa visão ganha pela afirmação do ser humano criado por Deus, à sua imagem e semelhança, possuindo assim uma dignidade e participação especiais na obra da criação.⁶² A ética cristã aponta para a promoção do que se passa a chamar-se de “ciências da vida”. Quer-se com isso apontar para a necessidade de programar um esforço conjunto em prol da vida⁶³, reunindo as mais variadas ciências, entidades, órgãos representativos da sociedade e as mais diversas religiões.

Mas o que é a vida humana?⁶⁴ Costuma-se apontar tanto para a vida humana metabólica (trata-se da vida biológica, da vida dos órgãos e dos sistemas metabólicos que servem de suporte à pessoa) como para a vida pessoal (trata-se, em especial, da capacidade da consciência e de manter relações interpessoais). Uma tendência – a vitalista – aponta para a sacralidade e a inviolabilidade da vida também biológica,

⁵³ TETTAMANZI, 1990, p. 6.

⁵⁴ TETTAMANZI, 1990, p. 6.

⁵⁵ JOÃO PAULO II. Carta encíclica Sobre o Valor e a Inviolabilidade da vida humana *Evangelium Vitae*, n. 2; Carta encíclica Sobre o Redentor do Homem *Redemptor Hominis*. Petrópolis: Vozes, 1979. n. 10. (Col. Documentos Pontifícios, n. 190).

⁵⁶ JOÃO PAULO II, 1995, n. 5; CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DA FÉ, Sobre o respeito humano à vida humana nascente e a dignidade da procriação. Instrução *Donum Vitae*. Petrópolis: Vozes, 1987. n. 2. (Col. Documentos Pontifícios, n. 213).

⁵⁷ JOÃO PAULO II. Carta encíclica sobre o Esplendor da Verdade *Veritatis Splendor*. Petrópolis: Vozes, 1993. n. 63. (Col. Documentos Pontifícios, n. 255).

⁵⁸ JONAS, 2006, p. 57-61.

⁵⁹ AGOSTINI, 2003a, p. 148.

⁶⁰ JONAS, 2006, p. 94-95.

⁶¹ JONAS, 2006, p. 47-49.

⁶² AGOSTINI, Nilo. *Ética cristã: Vivência comunitária da fé cristã*. Petrópolis: Vozes, 2003b. p. 32; PES-SINI, BARCHIFONTAINE, 1996, p. 23; DURAND, Guy. *A bioética: natureza, princípios, objetivos*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 38-41; VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. 3. ed. Aparecida: Santuário, 1998. v. II: Ética da pessoa, p. 222-225.

⁶³ JONAS, 2006, p. 47-48.

⁶⁴ JONAS, 2006, p. 89-97.

sem restrições nem exceções. Outra tendência – a humanista – capta a vida biológica como um suporte para a vida pessoal, não sendo um absoluto quando não garante mais a saúde, o bem-estar, a qualidade de vida, a promoção de todas as capacidades da pessoa. Um discernimento atento deve aqui ser efetuado com o cuidado de não opor sem mais as duas posições, nem diluí-las sem mais, nem muito menos cair pura e simplesmente em vertentes subjetivas e utilitárias.⁶⁵ A vida humana requer uma postura alicerçada nos princípios da benevolência, da autonomia da pessoa, a ser preservada sempre, e da justiça na partilha e distribuição dos recursos (inclusive biotecnológicos). Importa sempre lembrar que o ser humano é mais que a soma dos seus genes ou neurônios. Evite-se qualquer reducionismo que descuide das dimensões sociais, psicoafetivas e espirituais.⁶⁶ Além disso, a fé cristã coloca no centro das suas atenções os diminuídos, os doentes e os que estão em desvantagem, os excluídos. Essa é uma predileção de Deus já presente no Antigo Testamento, quando se coloca a favor dos órfãos, das viúvas e dos estrangeiros (Am 8.4-6; Mq 2.1-2; Dt 24.17-18). E quando anuncia o reino de Deus, Jesus realiza as obras do Messias; integra na sociedade os cegos, os paralíticos, os surdos, os pobres (Mt 11.4-6; Lc 7.22).⁶⁷ A igreja, por sua vez, sente existir aí uma “continuidade daquela que agora se designa ‘opção preferencial pelos pobres’”, opção definida pelo papa João Paulo II como “uma forma especial de primado na prática da caridade cristã”⁶⁸.

Referências bibliográficas

- AGOSTINI, Nilo. Bioética: delimitações protetoras da vida. In: *Communio*. Revista Internacional Católica, Rio de Janeiro, v. 18, n. 87, 2003a, p. 137-158.
- AGOSTINI, Nilo. *Ética cristã: Vivência comunitária da fé cristã*. Petrópolis: Vozes, 2003b.
- ALTMANN, Walter; BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto. Perspectivas da teologia da libertação: impasses e novos rumos num contexto de globalização. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 37, n. 2, p. 129-138, 1997.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: A Ética do Humano*. Compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CLOTET, Joaquim. *Bioética: uma visão panorâmica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.
- CNBB – XXXI Assembleia Geral. Ética: Pessoa e Sociedade. In: *SEDOC*, 26, n. 1-37, p. 41-74, 1993.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DA FÉ. Sobre o respeito humano à vida humana nascente e a dignidade da procriação. Instrução *Donum Vitae*. Petrópolis: Vozes, 1987. (Col. Documentos Pontifícios, n. 213).
- CORREIA, Francisco. A alteridade como critério fundamental e englobante da bioética. In: PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Fundamentos da bioética*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 30-50.

⁶⁵ AGOSTINI, 2003b, p. 150.

⁶⁶ AGOSTINI, 2003b, p. 29-37.

⁶⁷ AGOSTINI, 2003b, p. 158.

⁶⁸ JOÃO PAULO II. Carta encíclica do centenário da Rerum Novarum *Centesimus Annus*. Petrópolis: Vozes, 1991. n. 11.

- DURAND, Guy. *A bioética: natureza, princípios, objetivos*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- ENGELHARDT JR., Tristram. *Fundamentos da bioética*. São Paulo: Loyola, 1998.
- FERREIRA, A. B. Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERRER, Jorge José; ÁLVAREZ, Juan Carlos. *Para fundamentar a bioética: Teorias e paradigmas teóricos na bioética contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2005.
- FORTE, Bruno. *Um pelo outro: por uma ética da transcendência*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GARRAFA, Volnei; PORTO, Dora. Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção. In: GARRAFA, Volnei; PESSINI, Leocir. *Bioética: Poder e Injustiça*. São Paulo: Loyola; Centro Universitário São Camilo; Sociedade Brasileira de Bioética, 2003. p. 35-44.
- HAMMES, Érico. Ética, ciência e tecnologia: ensaio em perspectiva teológica. In: SOUZA, Ricardo Timm et al. (Org.). *Ciência e ética: os grandes desafios*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- HOSSNE, William Saad. Bioética? In: *Projeto Genoma: a ciência de ponta no Brasil*. Disponível em: <<http://www.consciencia.br/reportagens/genoma/genoma9.htm>>. Acesso em: 03 dez. 2011.
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica do centenário da Rerum Novarum *Centesimus Annus*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica sobre o Esplendor da Verdade. *Veritatis Splendor*. Petrópolis: Vozes, 1993. (Col. Documentos Pontifícios, n. 255).
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica sobre o Redentor do Homem *Redemptor Hominis*. Petrópolis: Vozes, 1979. (Col. Documentos Pontifícios, n. 190).
- JOÃO PAULO II. Carta encíclica Sobre o Valor e a Inviolabilidade da vida Humana. *Evangelium Vitae*. São Paulo: Loyola, 1995.
- JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.
- JUNGES, José Roque. As Interfaces da Teologia com a Bioética. In: *Perspectiva Teológica*, Ano 37, n. 101, p. 105-122, jan./abr. 2005.
- KEMP, Peter. *Le discours bioéthique*. Paris: Cerf, 2004.
- KOTTOW, Michael. Comentários sobre Bioética, vulnerabilidade e proteção. In: GARRAFA, Volnei e PESSINI, Leocir. *Bioética: Poder e Injustiça*. São Paulo: Loyola, 2004.
- LEPARGNEUR, Hubert. A dignidade humana, fundamento da bioética e seu impacto para a eutanásia. In: PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Fundamentos da bioética*. São Paulo: Paulus, 1996. p 177-188.
- MACKLIN, Ruth. Bioethics, Vulnerability, and Protection. *Bioethics*, Brasília, v. 17, n. 5-6, p. 472-486, out. 2003.
- MORAES, Regis de. Ética e vida social contemporânea. In: *Tempo e Presença*, n. 263, p. 5-22, maio/junho de 1992.
- NEVES, Maria do Céu Patrão. Sentidos da Vulnerabilidade: característica, condição e princípio. In: BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de; ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone (Orgs.). *Bioética Vulnerabilidade e Saúde*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2007.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e práxis histórica*. São Paulo: Ática, 1995.
- PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Fundamentos da bioética*. São Paulo: Paulus, 1996.
- QUELQUEJEU, Bernard. Éthos historiques et normes éthiques. In: LAURET, Bernard et REFOULÉ, François (dir.). *Initiation à la pratique de la théologie*. Paris: Cerf, 1983. Tomo IV: Éthique, p. 259-181.

- ROUANET, Sérgio Paulo. A volta de Deus. In: *Folha de São Paulo*, 19.05.2002, Caderno Mais! Disponível em: <<http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/avoltadeDEUS-LERR.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2011.
- RUBIO, Miguel. ¿Que és moralmente factible? Possibilidades y limites de la “tecnociencia”. In: *Moralia*, (M) XXIV, n. 4, p. 399-424, 2001.
- SANCHES, Mário Antonio. *Bioética: Ciência e transcendência*. São Paulo: Loyola, 2004.
- TETTAMANZI, Dionigi. *Bioética*. Nuove frontiere per l'uomo. IIª edizione riveduta e ampliata. Casale Monferrato: PIEMME, 1990.
- THIEL, M. J. Le défi d'une éthique systémique pour la Théologie. In: *Revue des Sciences Religieuses*, n. 74, 2000, p. 92-113.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*. 3. ed. Aparecida: Santuário, 1998. v. II: Ética da pessoa.
- ZUBEN, Newton Aquiles Von. Vulnerabilidade e Decisão: tensão no pacto médico. In: BARCHI-FONTAINE, Christian de Paul de; ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone (Orgs.). *Bioética Vulnerabilidade e Saúde*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2007.